

Um estudo sobre a tradução portuguesa da obra “As Rãs” de Mo Yan sob a perspetiva da ecocrítica

A study of the Portuguese translation of “Frog” by Mo Yan following an Ecocritical Approach

Zhihua Hu

Zhejiang International Studies University; Universidade de Aveiro, CLLC
ramonhu@outlook.com

Maria Teresa Roberto

Universidade de Aveiro, CLLC
mariateresaroberto@ua.pt

Palavras-chave: ecocrítica, ecofeminismo, Mo Yan, As Rãs, tradução literária, Amilton Reis.
Keywords: ecocriticism, ecofeminism; Mo Yan; The Frogs; Literary Translation; Amilton Reis.

1. Introdução

O romance “As Rãs” de Mo Yan, desde a sua publicação em 2009, tem sido foco de muita atenção, e, com o Prémio Maodun¹ da Literatura da China em 2011, o seu valor artístico é mais uma vez demonstrado como indiscutível. A obra “As Rãs”, conta principalmente a vida de uma médica da aldeia, que o narrador chama de “tia”. O pai da “tia” era um médico militar do Exército e era muito famoso na sua terra. A “tia” herda a profissão do pai e começa a implementar a nova maneira de ser parteira no campo, logo substituindo o status das “vovós” parteiras no coração das mulheres. Com isso, ajudou as mulheres a dar à luz os

¹ O Mao Dun Literature Awards, patrocinado pela Chinese Writers Association, foi criado de acordo com o desejo do escritor Mao Dun, no intuito de encorajar a criação de romances de qualidade e promover a prosperidade da literatura chinesa, que é um dos prémios mais importantes da literatura na China continental.
<https://baike.baidu.com/item/%E8%8C%85%E7%9B%BE%E6%96%87%E5%AD%A6%E5%A5%96/157136?fr=aladdin>, consultado no dia 5 de outubro de 2018

seus bebês com a nova assistência. Por toda a região nascem bebês nascidos com a ajuda desta médica. Ao mesmo tempo, os abortos não voluntários feitos pela mão da médica também são muitos. A “tia” praticava a profissão de médica e, ao mesmo tempo, dirigia as suas discípulas a pôr em prática o plano familiar, realizando vasectomias nos homens que já tinham tido filhos e fazendo abortos às mulheres que já tinham sido mães duas vezes. Estas são duas tarefas importantes para a “tia” que, posteriormente, levava uma vida a ser vítima das aflições de consciência, sonhando, com frequência, com rãs a gritarem e a lançarem ataques contra ela. De facto, aqui a imagem de “rã” é uma metáfora dos “bebês” que não tinham oportunidade de chegar a este mundo, visto que em chinês tanto a palavra “rã” como a palavra “bebé” têm a mesma pronúnciação.

No que concerne a isso, esta obra está cheia de metáforas, entre as quais, a imagem metafórica mais importante que é a “rã”, que pode ser interpretada, concretamente, a partir de três ângulos: (1). “rã” tem a mesma pronúnciação que “bebé” em chinês: com a prática do plano familiar, muitos bebês foram evitados antes de chegarem ao mundo; (2). “rã” tem a mesma pronúnciação que “grito dos bebês” em chinês: a “tia” estava aflita pela sua consciência, na sua vida posterior, sonhando com frequência com as rãs a gritarem e a atacarem-na; (3). “rã” tem a mesma pronúnciação como “Deusa criadora Nu Wa” em chinês: “Nu Wa” usa o barro para criar a humanidade, mas o plano familiar pretende evitar o nascimento dos bebês. Pelas capas das versões chinesa e portuguesa, também pode observar-se esta relação metafórica (no meio da capa da versão portuguesa, é uma “rã” e no centro da capa da versão chinesa, é um “bebé”), que serve como uma chave importante para ajudar os leitores na interpretação temática desta obra.

A versão portuguesa de “Rãs” foi traduzida do chinês para o português diretamente pelo tradutor brasileiro Amilton Reis e publicada em 2015. No entanto, devido à sua curta duração de publicação, já que o livro esgotou e não foi republicado, os estudos relacionados com esta versão portuguesa ainda escasseiam tanto na China quanto no estrangeiro. O nosso trabalho pretende ajudar a preencher essa lacuna e propõe-se analisar a tradução das descrições da relação entre humanidade e natureza e da relação entre ambos os sexos, sob a perspectiva da ecocrítica e do ecofeminismo, sendo a ecocrítica mobilizada como teoria base na interpretação da relação entre humanidade e natureza, e o ecofeminismo usado como guia orientadora para entender a relação entre ambos os sexos. Concretamente, serão analisadas quais as estratégias tradutórias usadas por Amilton Reis, aquando da tradução destas duas relações temáticas na obra, de modo a fornecer sugestões para trabalhos futuros, sob esta perspectiva, sobre a tradução literária.

2. Enquadramento teórico:

2.1. Sobre a ecocrítica e a tradução desta perspectiva:

O conceito “ecocrítica” foi proposto pela primeira vez pelo ecocrítico americano William Rueckert em 1978 num artigo titulado “Literature and Ecology: An Experiment in Eco-criticism”; no qual ele propõe uma combinação da literatura e ecologia, enfatizando que os críticos literários devam ter uma visão ecológica e construir um sistema poético ecológico (*apud* Meng, 2017, p. 22).

Embora o termo “ecocrítica” tenha sido formalmente proposto em 1978, não causou muita sensação no círculo acadêmico até 1989, quando Cheryl Llotfelty, a principal iniciadora da ecocrítica americana, exigiu uma aplicação da ecocrítica à área da crítica literária, definindo a “ecocrítica” como “the study of the relationship between literature and the physical environment” (Glotfelty, 1996, p. xix). Ela indica assim:

Just as feminist criticism examines language and literature from a gender-conscious perspective, and Marxist criticism brings awareness; of modes of production and economic class to its reading of texts, Ecocriticism takes an “earth-centered approach to literary studies”. (Glotfelty, 1996, p. xix)

Depois disso, em 1991, esta teoria logrou uns avanços notáveis: Harold Fromm lançou um debate acadêmico chamado “Eco-criticism: The Greening of Literary Studies” na *American Modern Language Association*; em 1992, foi criada a *Association for the Study of Literature and Environment*; em 1993, a primeira publicação de “ecocrítica” foi publicada, que é “Interdisciplinary Studies in Literature and Environment”. É precisamente no contexto da crise ambiental global que a ecocrítica emergiu (*apud* Meng, 2017, p. 22).

Baseado nas considerações acima citadas, pode definir-se a ecocrítica como um estudo da relação entre literatura e natureza, que analisa o papel que a natureza desempenha na construção cultural, examina como o conceito de natureza é definido em cultura, quais os valores que devem ser respeitados, e de que maneira a literatura e a natureza se influenciam mutuamente. Segundo a perspectiva da ecocrítica, aquando da tradução, o fator “natureza” deve ser levado em forte consideração pelos tradutores; os tradutores orientados por esta teoria tendem a ver o texto original também sob a perspectiva ecológica, intervindo e manipulando o texto original de acordo com a ecocrítica.

2.2. Sobre o ecofeminismo e a tradução nesta perspectiva:

O ecofeminismo pode remontar-se ao movimento feminista em meados da década setenta do século passado e todas as visões críticas do ecofeminismo têm como base a teoria de feminismo. Sendo a escritora francesa Françoise d’Eaubonne a cunhar este termo no seu livro “Le féminisme ou la Mort” (1974, *apud* Zheng, 2014, p. 6), no qual ela indica que a principal causa de superpopulação e destruição ambiental resulta do sistema patriarcal, e o feminismo constitui a única maneira de salvar a humanidade destas duas crises.

O ecofeminismo opõe-se ao antropocentrismo e ao androcentrismo, salientando uma mudança da governança da humanidade a favor da natureza e acreditando que essa ideia de governança vem da ideia da governança dos homens em relação às mulheres (de umas etnias para outras etnias, da maioria para a minoria, etc.). Este tipo de teoria consiste, principalmente, na crítica dos valores patriarcais e na rejeição dos valores que levam à exploração, dominação e agressão, e tem como objetivo estabelecer uma utopia que siga os princípios do ecologismo e do feminismo. A crítica ecofeminista combina postura analítica de dois campos diferentes: crítica feminista e ecocrítica, e reexamina obras literá-

rias clássicas com uma perspectiva dual. O principal contributo do ecofeminismo para a ecocrítica consiste em que este não se limita apenas à crítica ambiental e à leitura de textos com temas ambientais, mas amplia a dimensão da pesquisa: a crítica social e muitos textos feministas ou textos com forte teor feminino são incluídos nos seus horizontes.

Como já indicámos, a teoria de ecofeminismo deriva de duas vertentes literárias (ecologismo e feminismo), com isso, esta teoria também deve possuir as características de ambas as reflexões literárias. Relativamente às práticas tradutórias, os teóricos feministas já propõem considerações mais concretas (podemos ver mais adiante), tendo isso em conta e para unificar as estratégias tradutórias adotadas no presente trabalho, iremos adotar as considerações sugeridas pelos teóricos feministas para a tradução como uma base teórica na nossa análise tradutória.

Quanto à tradução sob a perspectiva do feminismo, Shen (2008, pp. 71-72) indica o seguinte: (a). a tradução é um ato político, e os direitos das mulheres também devem ser refletidos na tradução; (b). deve-se eliminar a discriminação contra as mulheres e elevar o status dos estudos de tradução (as mulheres têm estado na posição de nível inferior do discurso, isso também acontece com a tradução e os tradutores; no processo da tradução, a versão original, como homem, é sempre o sujeito e a tradução, como mulher, é sempre o objeto); (c), opõe-se à ênfase excessiva na fidelidade e defende-se a “creative treason” ou traição criativa. A visão tradicional da tradução considera a fidelidade como o princípio essencial da tradução, tornando o texto original e o traduzido em dois polos distintos. Na visão feminista, o texto original e o traduzido devem possuir um mesmo status, e a tradução é uma atividade criativa, em vez de ser uma mera conversão mecânica. O texto original deve ser reexaminado a partir da perspectiva feminista: se o texto original contradiz a visão feminista, o tradutor tem o direito de interferir, ou seja, reescrever o texto original; (d). a subjetividade do tradutor deve ser destacada. A tradução sob a perspectiva de feminismo enfatiza a subjetividade do tradutor e resiste ao centrismo masculino e à discriminação contra as mulheres no texto.

Quanto às estratégias tradutórias concretas, a teórica de tradução feminista Louise Von Flotow (1997, pp. 28-29) propôs três estratégias de tradução: “supplementing”, “prefacing and footnoting” e “hijacking”. A “supplementing” constitui uma reescrita criativa feita pelo tradutor para compensar as diferenças entre as duas línguas; a “prefacing and footnoting” trata de uma intervenção dos tradutores sob os valores feministas, no intuito de explicar (em prefácio e/ou notas de tradutor) os seus propósitos e estratégias de tradução; a “hijacking” é a interferência (reescrita ou “sequestro”) feita pelo tradutor para as palavras do texto original que contradizem a visão feminista. Como já dissemos antes, o ecofeminismo tem a origem no ecologismo e no feminismo, daí possuir as propriedades destas duas considerações teóricas. Comparativamente com a tradução orientada pelo feminismo, as práticas ecofeministas recorrem também à tradução como uma maneira de advogar a favor das mulheres, porém, a diferença consiste em que o ecofeminismo não advoga apenas pelas mulheres, mas também pela natureza. Conforme Liang (2014, p. 12), a tradução sob o ecofeminismo pode ser entendida a partir de dois ângulos: (1). traduzir as ideias feministas e ecológicas do texto

original-fonte; (2) manipular o texto-fonte para aproximá-lo do ponto de vista do ecofeminismo, alcançando assim certos objetivos políticos, sociais ou ambientais.

3. Sobre o autor Mo Yan e o tradutor Amilton Reis

Mo Yan, escritor chinês, foi laureado em 2012 com o Prémio Nobel da Literatura. Nascido na província de Shandong, da numa família rural, deixou a escola e foi trabalhar para uma fábrica de petróleo durante a revolução cultural. Inseriu-se no exército aos 20 anos, e no decorrer da época militar iniciou a sua carreira como escritor. Em 1981, ele publicou a sua primeira novela “Chuva numa Noite da Primavera”. No ano de 1984, ganhou um prémio numa revista militar e obteve um lugar para estudar na Escola de Arte e Literatura do Exército, o que lhe permitiu mais tempo para se dedicar à escrita. O êxito chegou a Mo Yan com as suas novelas “O Rábano Transparente” e particularmente, “O Sorgo Vermelho”. No ocidente, ele é conhecido principalmente pela adaptação cinematográfica da sua obra “O Sorgo Vermelho”.

O tradutor dessa obra é Amilton Reis, o primeiro lusófono a traduzir as obras de Mo Yan diretamente do chinês para o português, que também traduziu “Mudança” e “Uma Corrida há 30 Anos” de Mo Yan. Brasileiro, já vive e trabalha na China há 7 anos, agora é editor da versão portuguesa da revista do Instituto Confúcio.

4. A análise da tradução portuguesa da obra as Rãs sob a perspetiva da ecocrítica

Sob a perspetiva da ecocrítica e do ecofeminismo, este trabalho pretende explorar as duas principais relações da obra, “natureza e humanidade” e “homens e mulheres”, porque estas duas relações podem refletir melhor a vocação da ecocrítica e do ecofeminismo. Será realizada uma análise tradutória do texto-alvo, com o fim de revelar como se realizam as práticas tradutórias sob estas duas perspetivas.

4.1. Relação entre Humanidade e natureza:

(1). Professor, tínhamos em nossa aldeia um costume bem antigo de batizar as crianças com o nome de partes do corpo humano, como **Chen Nariz**, **Zhao Olho**, **Wu Intestino**, **Sun Ombro**... Nunca procurei saber a origem dessa prática, talvez tenha surgido por acreditarem que um nome humilde daria vida longa, ou pelo fato de as mães considerarem o filho parte da própria carne. (Mo, 2015:9)

À primeira vista, são nomes muito estranhos e rústicos, são meramente traduções literais do chinês para o português, em vez de traduções baseadas em transliteração com notas de rodapé. Com esta prática, por um lado, os leitores são deixados a terem um acesso direto a uma cultura muito exótica e os seus interesses podem ser despertados aqui (não só para os leitores estrangeiros, mas também para a maioria dos leitores chineses, visto que se trata de um costume

antigo na terra natal do narrador); por outro lado, estes nomes também podem ser considerados como metáforas, que ligam estes nomes com as características dos protagonistas desta obra. Por exemplo, “Chen Nariz (um protagonista na obra)” tem um nariz muito grande (isto também nos lembra os nomes de “Sancho Panza” e “Rocinante”, que têm um vínculo muito estreito com as suas próprias características).

Estes nomes, apesar de serem igualmente muito estranhos para os leitores chineses, lembram uma tradição muito antiga dos chineses: a prestação à relação harmoniosa entre a humanidade e a natureza, visto que existe, de facto, um costume nos campos da China, que é muito semelhante ao indicado pelo narrador na obra; este costume consiste no facto de que as pessoas dos campos da China têm o hábito de batizar os bebés recém-nascidos com nomes relacionados com os animais domésticos ou os cultivos agrícolas, coisas tão importantes na vida das pessoas que vivem no campo. Para eles, esta prática de batizar pode ligar fortemente as pessoas à natureza e, com isso, beneficiando-se mais das graças da natureza, isto é, como o que o narrador diz na obra “talvez tenha surgido por acreditarem que um nome humilde daria vida longa”. Atendendo ao facto de que os leitores estrangeiros não têm esta experiência da cultura dos campos da China, convinha, achamos nós, acrescentar notas de rodapé para explicar um pouco sobre este costume no campo da China.

(2). **Tudo cresce da terra, entende?** A deusa Nü Wa criou homem com barro, sabia? (Mo, 2015:192)

A palavra “terra” e a palavra “barro” em português são duas traduções diretas da mesma palavra “土(tu)” em chinês. A sociedade da China antiga era, basicamente, uma sociedade agrícola, ou seja, os seres humanos viviam do que se produzia na terra; por conseguinte, presta-se, a partir da antiguidade, a homenagem e o culto à terra. Quanto à tradução desta palavra, seria melhor, a nosso ver, apontar esta relação de sentido afetivo entre humanidade e natureza (representada por “terra” e “barro”) em nota de rodapé, para ajudar os leitores na interpretação de uma lenda muito distinta da ocidental, no que diz respeito à origem da humanidade.

(3). **A gente finalmente pôde comer até se fartar. Até que enfim a época de comer raízes e cascas de árvores estava terminada,** os tempos em que se morria de fome foram embora para nunca mais voltar. (Mo, 2015:57)

A parte a negrito constitui uma tradução direta, que descreve para os leitores umas cenas horríveis: as pessoas não tinham o que comer; para eles, não havia outra alternativa senão comer as raízes e cascas de árvores. Sem nenhuma dissimulação, o tradutor demonstra, com a tradução direta, a consequência dos desastres naturais daquela altura. O autor da obra, Mo Yan, já viveu, de facto, a sequeira grave durante vários anos, em que a terra não rendia quase nada, por conseguinte, ele consegue retratar detalhadamente essas cenas horríveis daquela altura. Trata-se de uma sequeira (1958-1962) que envolvia muitas províncias, as pessoas sofreram muito durante estes três anos. Com a tradução direta, os lei-

tores estrangeiros também podem sentir a gravidade destes desastres naturais e as consequências causadas para os povos daquela altura, com isso, percebendo melhor a relação entre humanidade e natureza: a humanidade é tão insignificante diante da natureza, a humanidade tem de saber viver harmoniosamente com a natureza e respeitá-la. Há estudos² a indicar que a causa destes desastres naturais, por um lado, se associavam à seca, por outro lado, que se relacionavam com a decisão errada do governo, que, para lograr um desenvolvimento industrial mais rápido, sacrificou uma parte do desenvolvimento agrícola (que ocasionou uma onda de falta de cereais). O facto mencionado acima constitui informação contextual de que os leitores estrangeiros precisam na compreensão do texto original, se fosse possível, seria melhor adicionar esta informação.

(4). Na primavera de 1961, minha tia foi liberada do caso Wang Xiaoti e voltou a trabalhar na seção de ginecologia e obstetrícia do posto de saúde. **Nos dois anos seguintes não nasceu um único bebê nas mais de quarenta aldeias da comuna. A razão? A fome, naturalmente. Por causa da fome, as mulheres pararam de menstruar, por causa da fome, os homens viraram eunucos.** (Mo, 2015:51)

Pela parte a negrito (tradução direta), nota-se uma reação em cadeia: fome – mulheres pararam de menstruar e homens viraram eunucos³ – não nasceu nenhum único bebê, o que, outra vez, retrata, de maneira vívida, a relação submissa e subordinada da humanidade perante a natureza. As descrições de Mo Yan parecem um manifesto literário sob a perspectiva da ecocrítica, que tem como objeto de crítica a posição pretensamente dominante da humanidade para com a natureza; por conseguinte, não vemos nenhuma manipulação da parte do tradutor.

(5). Aquela terra, que por três anos só nos causara desgosto, como se grão nenhum ali vingasse, agora parecia ter recuperado sua natureza bondosa e profícua... **Batata-doce é uma coisa boa, é a melhor coisa que existe...** (Mo, 2015:57)

Quanto às descrições da relação entre humanidade e natureza, a única manipulação da parte do tradutor fica neste exemplo, visto que a parte a negrito é uma adição pelo tradutor, que não existe na versão chinesa. Tentando explorar o motivo por trás desta prática tradutória, achamos muito provável isso ser uma ênfase pela parte do tradutor para mostrar agradecimentos pelas graças oferecidas pela natureza em nome da humanidade. Isso faz muito sentido, dado que, após três anos sucessivos com fome, a terra (natureza) finalmente mostrou a sua natureza bondosa e profícua e a humanidade finalmente pôde ter bem-estar e a continuidade. Mais uma vez, observamos essa relação subordinada da humanidade diante da natureza.

² <https://baike.baidu.com/item/%E4%B8%89%E5%B9%B4%E5%9B%B0%E9%9A%BE%E6%97%B6%E6%9C%9F/10317322?fromtitle=%E4%B8%89%E5%B9%B4%E8%87%AA%E7%84%B6%E7%81%BE%E5%AE%B3&fromid=603238&fr=aladdin>, consultado no dia 5 de Outubro de 2018

³ Trata-se aqui uma metáfora, no intuito de expressar que os homens não tinham nenhum desejo sexual naquela altura cheia de fome

(6). Enquanto isso, os seios das mulheres que se fartaram de batata-doce cresceram gradualmente e suas regras aos poucos se normalizaram. A coluna dos homens se endireitou, os bigodes voltaram a crescer, a libido aos poucos se reacendeu. Dois meses depois do banquete de batata-doce, quase todas as mulheres jovens da aldeia estavam grávidas. (Mo, 2015:58)

Trata-se aqui também de traduções diretas, através das quais, os leitores, com a ajuda do tradutor, conseguem saber melhor ainda esta relação em cadeia entre humanidade e natureza: a crueldade da natureza – o sofrimento e a incontinuidade da humanidade; a graça da natureza – o retorno à vida normal e a continuidade da humanidade. Sem nenhuma intervenção, o tradutor já deixa os leitores informarem-se da importância do convívio harmonioso entre humanidade e natureza.

(7). Entramos na escola primária de Dayanglan no outono de 1960. As memórias mais marcantes que tenho daquela época de fome são, em grande parte, relacionadas à comida. Por exemplo, a **história de quando comi carvão**. Muitos pensam que é invenção minha, mas juro por minha tia que tudo aquilo aconteceu de fato, não inventei nada. (Mo, 2015:10) (tradução direta)

A parte a negrito constitui uma narrativa de, digamos, memória de “comida” em 1960 (como já mencionamos antes, durante 1958-1962 explodiu-se a sequeira mais grave em muitas províncias chinesas, as pessoas sofriam muito pela falta de cereais). São, mais uma vez, traduções diretas, o tradutor não realizou nenhuma intervenção, isso fica-se a dever ao facto de, achamos nós, o que se reflete no texto original ficar de acordo com a perspectiva que o tradutor segue, daí as traduções diretas.

As descrições de Mo Yan são muito realistas e deixam muito para refletir no que diz respeito à relação entre humanidade e natureza; através das narrativas de Mo Yan, não se vê nada sobre a posição triunfante da humanidade para com a natureza, em vez disso, o que nós observamos são descrições de como a humanidade sofre por causa da natureza e como a humanidade pode levar uma vida normal devido à graça e bondade da natureza. Talvez isso seja mais correspondente à perspectiva também do tradutor, não se vê quase nenhuma intervenção do tradutor, mas depois quanto à relação entre “homens e mulheres”, parece que as descrições de Mo Yan não são muito adequadas sob a visão de ecofeminismo, visto que se observam intervenções diretas do tradutor no texto original.

4.2. Relação entre homens e mulheres

Para além da relação entre Humanidade e Natureza (regras sociais e regras naturais, seres humanos e terra), também se observa, como um tema muito importante na obra, a relação entre homens e mulheres.

Conforme Zhao Junchao (2016, p. 27), na sociedade patriarcal, as mulheres eram privadas da consciência subjetiva, o que não só as tornava em ferramentas de continuar a linhagem, mas também as obrigava a seguirem as submissões e virtudes da esposa, transformando-as completamente nas vassalas dos homens;

além disso, elas também eram privadas dos seus direitos à educação, como o que o slogan apregoava, na sociedade antiga da China, “a falta de talento em uma mulher é uma virtude”.

Depois de entrar na sociedade moderna, o velho conceito moral do feudalismo foi lentamente abolido, e a igualdade sexual foi sendo cada vez mais promovida; com isso, as condições sociais das mulheres melhoraram muito em comparação com o passado. No entanto, como as consequências do conceito feudal não foram ainda completamente eliminadas, dadas as diferenças físicas e psicológicas entre homens e mulheres e devido ao facto de o sistema do centro patriarcal não ter mudado, é difícil para as mulheres alcançarem uma igualdade verdadeira no seu sentido real. Por tudo isso, a forma como o tradutor transmite a relação entre homens e mulheres também constitui o foco da nossa atenção, vejamos os seguintes exemplos:

(1). “Qual o problema?”, continuou minha tia. “Só quero que saibam que não é nada fácil ser mulher! Metade das mulheres desta aldeia sofre de prolapso uterino, a outra metade tem algum tipo de inflamação. O útero da mãe de Fígado desceu pela vagina como uma pera podre, mas o pai dele ainda quer outro filho homem! Se um dia eu o encontrar... E, Chen Nariz, sua mãe também está doente...”(Mo, 2015:61)

A parte a negrito na versão chinesa é “儿子(er zi) (filho)”, para sublinhar a ideia tradicional da sociedade patriarcal de preferir os filhos às filhas, o tradutor acrescentou aqui a ideia de “homem” para enfatizar o facto de que “o pai”, embora já tenha um “filho homem”, ainda quer ter outro “filho homem”; esta prática, além de enfatizar essa mania tradicional das personagens na obra, serve também como uma contraste das doenças sofridas pelas mulheres para dar luz aos bebés incessantemente até ter um bebé varão, mesmo que já tenha um bebé varão, às vezes, sob a pressão da sociedade patriarcal, ainda tem de ter mais.

(2). O grupo teatral do distrito criou mais de uma dezena de equipas para encenar, de aldeia em aldeia, uma pequena peça intitulada **Metade do céu**, que combatia a crença de que o homem é superior à mulher. (Mo, 2015:64)

Quanto ao título da “peça”, o tradutor adotou o método de tradução direção, traduzindo a palavra chinesa “半边天(ban bian tian)” literalmente como “Metade do céu”. Segundo o Grande Dicionário Novo Chinês-Inglês (2003:42), esta palavra tem dois significados: a) a part of the sky; b) it is likened to women who can play an equal part in the new society. It is mainly used to emphasize or praise the important role of women or wives.

(3). Entrou para a universidade e largou da mulher, é um **Chen Shimei** mesmo!, esbravejou minha mãe. “Tia, não foi ele que me largou, eu é que quis **terminar**”, disse Wang Renmei. (Mo, 2015:87)

No que diz respeito a “陈世美(Chen Shimei)”, nas notas finais no capítulo, o tradutor ofereceu as seguintes informações sobre o nome “Chen Shimei”, com isso, ajudando os leitores na compreensão.

Personagem da Ópera de Pequim que, depois de passar em primeiro lugar no concurso público imperial, abandona a esposa para se casar com a filha do imperador. Sinônimo de homem que abandona a mulher à própria sorte quando alcança melhor posição social. (Mo, 2015:88)

A palavra “休(xiu)” na versão chinesa foi traduzida para “largar” e “terminar” em português, na nossa opinião, esta prática não é muito adequada, convém dar mais informações, já que esta palavra chinesa tem um pendor cultural muito forte. Segundo o Grande Dicionário Novo Chinês-Inglês (2003:1827), esta palavra, neste caso, possui o significado “cast off one’s wife and send her home”. Através disso, pode reparar-se que se trata de uma palavra fortemente enraizada na cultura da sociedade patriarcal da China antiga e é uma palavra usada a partir do ponto de vista masculino. Com tudo isso, convém oferecer mais informações sobre o contexto conotativo desta palavra, através da qual se representa a posição subordinada das mulheres para com os homens na sociedade antiga.

(4). Me lembrei do que dizia minha mãe: “A mulher nasce para quê? A mulher, no fim das contas, nasce é para ter filho. O renome de uma mulher vem de seus filhos, a dignidade de uma mulher vem de seus filhos, a felicidade e o orgulho de uma mulher também vêm de seus filhos. **Mulher sem filho é uma angústia**, mulher sem filho não pode se considerar completa. Além do mais, mulher sem filho fica com o coração duro, envelhece mais rápido”. (Mo, 2015:183)

Na versão chinesa, a parte a negrito significa literalmente “mulher sem ter dado luz a bebê é a maior angústia”; no que diz respeito a essa atitude “radical” da mãe do narrador na obra, o tradutor tentou suavizar esta frase para “mulher sem bebê é uma angústia”. Pela descrição do autor, nota-se que esta mania tradicional de ter filhos, fruto da sociedade patriarcal feudal, também já possuía muitos adeptos femininos (já que estas palavras foram ditas pela mãe do narrador na obra); com isso, não é suficiente só desconstruir a desigualdade apregoada entre homens e mulheres e a posição subordinada e submissa das mulheres para com os homens, mas também é muito importante desconstruir essas ideias impostas nas mulheres pelas próprias mulheres.

(5). Minha tia se zangou: “**Que estranho, quando a mulher tem uma menina os homens torcem o nariz, mas quando a vaca tem uma bezerra, ficam rindo de orelha a orelha**”. (Mo, 2015:191)

Pela comparação aqui entre “menina” e “bezerra”, reflete-se, por um lado, a relação estreita entre humanidade e natureza (concretamente, os agricultores no campo dependem dos animais domésticos), por outro lado, nada menos importante, a relação desigual entre homens e mulheres (as bebês meninas são despreziadas). Às vezes, com a tradução direta, os leitores podem ter uma visão mais clara das intenções expressas pelo autor.

(6). – “Outra menina”, disse minha tia.

Desanimado, Chen Nariz baixou a cabeça, parecia um pneu furado. Golpeava o crânio alternadamente com os dois punhos e dizia cheio de angústia: “O céu quer acabar comigo... O céu quer acabar comigo... Quem diria que, depois de cinco gerações, a linhagem da família Chen termina comigo...”. (Mo, 2015:184)

A intenção original do país de estipular o plano familiar consistia no controlo do crescimento excessivo da população, que tinha a sua racionalidade, mas a violação dos direitos humanos que aconteceu durante a implementação da política é, de facto, a causa da sua crítica. E o facto de inúmeras pessoas terem violado esse plano resulta também da influência dos pensamentos tradicionais: mania de ter filhos varões, que não para até ter um filho homem para continuar a linhagem. Assim como na hora de nascimento da segunda filha, Chen Nariz emitiu os gritos de “O céu quer acabar comigo... O céu quer acabar comigo...”, ele não se preocupa com a vida e a morte da sua mulher, ele importa-se só com o facto de a possibilidade da sua mulher lhe poder dar um filho. Pela tradução direta aqui, o que observamos é uma cena ridícula e triste, que constitui uma crítica ao androcentrismo refletido da sociedade patriarcal daquela época.

Pelas traduções acima citadas no que respeita à relação entre homens e mulheres, nota-se uma diferença na adoção das estratégias da parte do tradutor em comparação com as traduções relacionadas com a relação entre humanidade e natureza. Como já indicámos acima, para as descrições veiculadas com a relação entre humanidade e natureza, o tradutor quase não realizou nenhuma manipulação (ou “hijacking” nas palavras da tradução sob visão feminista), no entanto, relativamente às descrições ligadas à relação entre homens e mulheres, o tradutor recorreu a várias manipulações (“footnote” e “hijacking”).

Mas o que é que causou esta diferenciação na adoção das estratégias tradutórias? A nosso ver, isto deve-se ao facto de que: para a relação entre humanidade e natureza, pelas descrições do texto original, não vemos uma posição dominante da humanidade para com a natureza (não existem descrições sobre a exploração abusiva dos recursos naturais, a poluição, etc.), em vez disso, o que notamos é uma posição submissa, subordinada e dependente da humanidade diante da natureza (a humanidade sofria pelos desastres naturais e quase não tem continuidade; a humanidade agradece pelas graças (batatas-doces) oferecidas pela natureza depois de três anos sucessivos de fome), como estas descrições correspondem à perspectiva (ecologismo ou ecocrítica do ecofeminismo) do tradutor, ele não realizou quase nenhuma manipulação. Não obstante, para as descrições da relação entre homens e mulheres, o que vemos são muitas narrativas sobre como as mulheres eram “humilhadas” numa sociedade patriarcal e tinham um status social muito baixo. Tendo isso em conta, as manipulações do tradutor já fazem sentido: às vezes, ele tira ou aumenta algumas palavras para “salientar” ou “aliviar” a situação triste das mulheres; às vezes, ele recorre à tradução direta, para mostrar diretamente cenas tristes aos leitores. Seja qual for a adoção do tradutor, o que ele pretende é deixar os leitores viverem e sentirem uma cultura distante daquela época da China, despertando a compaixão e empatia dos leitores e criticando essas desigualdades entre ambos os sexos.

Admitimos os valores teóricos das estratégias sob visão feminista (a tradução sob a visão ecofeminista também recorre às mesmas estratégias), que foram

propostas por Louise Von Flotow (1997, pp. 28-29): a “supplementing”, a “prefacing and footnoting” e a “hijacking”. (a “supplementing” é uma reescrita criativa do tradutor para compensar as diferenças entre duas línguas; a “prefacing and footnoting” trata de uma intervenção dos tradutores sob valores feministas e a “hijacking” é a interferência do tradutor para com as palavras do texto-fonte que contradizem a visão feminista), mas no que toca a alguns pormenores, achamos que talvez possam ser melhorados. Para a estratégia “hijacking”, segundo Flotow (1997), é uma interferência do tradutor para as partes do texto-fonte que sejam contrárias à visão feminista (ecofeminista). Podemos compreender o motivo dos tradutores na reescrita das partes contrárias à visão feminista, já que segundo Flotow, estas práticas tradutórias servem para destacar a subjetividade dos tradutores e das mulheres no texto-alvo, quando estas estão em sintonia, desafiar o androcentrismo e a discriminação contra as mulheres. Porém, com os nossos exemplos acima mencionados, podemos notar é que para algumas partes contrárias à visão feminista, o tradutor manipulou, tal como “**Mulher sem filho é uma angústia**”, que na versão chinesa é “**mulher sem ter dado luz a bebé é a maior angústia**”⁴; mas para outras partes contrárias à visão feminista, o tradutor recorreu à tradução direta, em vez de realizar uma reescrita, tal como “**Que estranho, quando a mulher tem uma menina os homens torcem o nariz, mas quando a vaca tem uma bezerra, ficam rindo de orelha a orelha**”. Na nossa opinião, achamos que seja qual for a estratégia a ser empregue pelo tradutor, por trás disso, existe sempre uma consideração própria do tradutor; às vezes, a tradução direta também pode ser considerada como uma “manipulação” – não dissimular nenhuma detalhe do texto fonte, transmitir diretamente todos os detalhes – assim para que “esta tradução direta” repercuta nas reações dos leitores, funcionando assim como uma crítica às desigualdades refletidas na obra.

5. Considerações finais

Através do presente trabalho, sob a perspetiva de ecocrítica, realizámos uma análise tradutória da tradução portuguesa da obra “As Rãs” de Mo Yan. Como uma obra que tem como tema a vida de uma médica, no campo, que participava na prática do plano familiar, as narrativas, além de abordarem a relação entre humanidade e natureza (sobre a continuidade da espécie humana), também estão cheias de descrições e considerações sobre a relação entre homens e mulheres. Tendo isso em conta, neste trabalho, também recorreremos às críticas ecofeministas aquando da análise tradutológica que fizemos. Com tudo isso, para tornar o nosso trabalho mais enriquecedor, as respetivas análises de tradução foram realizadas sob duas vertentes: a relação entre humanidade e natureza (ecocrítica) e a relação entre homens e mulheres (ecofeminismo).

Como o tema principal do presente trabalho consiste na análise tradutória sob a perspetiva de ecocrítica, se ainda queríamos analisar a tradução da relação entre homens e mulheres, esta análise tem de estar também em linha com a

⁴ A nossa retroversão do chinês para o português.

ecocrítica. Levando em conta que a relação entre homens e mulheres é um tema muito frequente para os estudos feministas, para a análise tradutória da relação entre homens e mulheres, adotamos a visão ecofeminista (que combina as duas visões tanto da ecocrítica como do feminismo).

Depois da nossa análise, descobrimos que, aquando da tradução, se usaram estratégias diferentes na tradução das descrições da relação entre humanidade e natureza e a entre homens e mulheres. Para a tradução da relação entre humanidade e natureza, o tradutor recorreu quase sempre à tradução direta, com isso, deixou aos leitores um acesso direto à cultura exótica daquela época da China, despertando a compaixão dos leitores pelas pessoas sofredoras dos desastres naturais, o agradecimento da humanidade pelas graças oferecidas pela natureza, e a reflexão sobre como ter um convívio harmonioso entre humanidade e natureza. Como as descrições desta relação entre humanidade e natureza estão em sintonia com a perspetiva possuída pelo tradutor, quase não se vê nenhuma manipulação da parte do tradutor. Nota-se que a abordagem do tradutor para com a tradução da relação entre humanidade e natureza é muito diferente da que implementa quando traduz os trechos que abordam a relação entre homens e mulheres do chinês para a língua portuguesa. Pode observar-se que existem muitos casos em que o tradutor realizou manipulações (footnoting ou hijacking), aliviando ou enfatizando algumas ideias contrárias à visão ecofeminista. Muito curiosamente, também descobrimos que algumas descrições contrárias à visão ecofeminista não foram "hijacked" ou "footnoted", já que o tradutor mobilizou apenas a estratégia de tradução direta. Sobre isso, a nosso ver, a tradução direta também deve ser considerada como uma "manipulação", não intervindo com nenhum detalhe adicional e transmitindo diretamente todos os pormenores, para que "esta tradução direta" possa exercer influência nas reações dos leitores e ter o seu feedback, funcionando assim como uma crítica às desigualdades refletidas na obra.

Referências bibliográficas

- Meng, X. (2017). *Untersuchung der Kinder-und Hausmarchenausder Perspektive des Egocentric Ecocriticism* (Tese de Doutoramento). Shanghai International Studies University.
- Mo, Y. (2009). *The Frog*. Shanghai: Shanghai Literature and Art Publishing House (nota: a versão "As Rãs" que consultámos trata de uma versão eletrónica, como nesta versão não há paginação, numerámos as páginas de acordo com a sua ordem).
- Mo, Y & Reis, A. (2015). *As Rãs*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.
- Flotow, L. (1997). *Translation and Gender: Translating in the "Era of Feminism"*. St Jerome Publishing.
- Hui, Y. (ed.) (2003). *Grande Dicionário Novo Chinês - Inglês*, Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press.
- Glotfelty, C. & Harold, F. (1996). *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens and London: University of Georgia.
- Rueckert, W. (1978). Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism. *Iowa Review* 9 (1), 71-86.
- Shen, Y. (2008). The Development of Ecofeminism and Its Impact on Translation. *Journal of Chizhou University*, 22(4), 70-72.
- Sun, N. (2007). An Interpretation of Eco-feminism in Translation Studies. *Journal of Hehai University: Philosophy and Social Sciences*, 9 (1), 42-44.

- Wei, Q. (2012). From Ecological Criticism to Ecofeminist Criticism. *Journal of Soochow University (Philosophy and Social Sciences)*, 33(2), 150-155.
- Zhao, J. (2016). *Gender Difference of Misery Description in Mo Yan's Novels – Based on Analysis of Red Sorghum Clan, Big Breast and Wide Hips, Frog* (Dissertação de Mestrado). Shandong University.
- Zheng, C. (2014). *An Analysis of the Two Chinese Translations of Tess of the D'Urbervilles from Eco-feminist's View on Nature* (Dissertação de Mestrado). Beijing Foreign Studies University.

Resumo

A novela “As Rãs” de Mo Yan, escritor chinês laureado com o Prémio Nobel, tem atraído uma atenção generalizada desde a sua publicação, visto ser uma novela cujo tema é muito controverso, que tem como base um período histórico muito especial da China, “o Planeamento Familiar”, e através da qual, o autor procura demonstrar-nos as suas reflexões sobre a vida e o futuro da humanidade.

A Ecocrítica consiste numa escola de crítica literária desenvolvida nos anos 90 no ocidente. Sendo um método que liga a teoria da ecocrítica às obras literárias, concentra-se, principalmente, na relação entre a ecologia, a humanidade e a literatura. Pela crítica ecológica, podem-se explorar as ricas conotações ecológicas nas obras, despertando a consciência ecológica do público e ajudando o público a restabelecer a sua ligação com a natureza. Além de criticar as consequências resultantes da prática do plano familiar, a obra está ainda repleta de narrativas sobre a relação entre ambos os sexos, pelas quais também se observam os comentários críticos a este aspeto. Para tornar o nosso estudo mais completo e o perspetivar de vários ângulos, ao mesmo tempo que o centramos no tema ecológico recorrendo às teorias relacionadas com a ecocrítica, pretendemos também, adotar as considerações críticas do ecofeminismo, aquando da análise tradutória das descrições das relações entre homens e mulheres.

No decurso deste artigo serão analisados os fenómenos ecológicos na tradução portuguesa da novela, sob a perspetiva ecocrítica. Concretamente, analisaremos quais as estratégias tradutórias usadas pelo tradutor brasileiro Amilton Reis aquando da tradução destes fenómenos ecológicos, de modo a fornecer sugestões para trabalhos futuros sobre a tradução literária sob esta perspetiva.

Abstract

The novel “The Frogs” by Mo Yan, a Nobel Prize-winning Chinese writer, has attracted widespread attention since its publication, as it is a controversial novel based on a very special historical period in China, “Family Planning”, and through which the author seeks to show us his reflections on the life and future of humanity.

Ecocriticism consists of a school of literary criticism developed in the 1990s in the West. As it is a method that links the theory of ecocriticism to literary works, it focuses mainly on the relationship between ecology, humanity, and literature. Ecological criticism explores the rich ecological connotations in the works, awakening the public's ecological awareness and helping the public to reconnect with nature. In addition to criticising the consequence of the practice of the family plan, we can observe that this work is full of narratives about the relationships between the sexes, about which, critical comments are also observed to this effect. With a view to amplifying our study while, at the same time, focusing on the ecological theme, through the use of theories relating to ecological criticism, we, also adopted the critical considerations of ecofeminism in the translation analysis of the relationships between men and women.

Throughout this article, the ecological phenomena will be analysed in the Portuguese translation of this novel, under the ecocritical perspective. Specifically, we will analyse the translation strategies used by the Brazilian translator Amilton Reis when translating these ecological factors, in order to provide suggestions for future work on literary translation under this perspective.